

o homem e o mundo

"A bigorna"
fevereiro de 1954

A FILOSOFIA ANTIINTELLECTUALISTA CONTEMPORÂNEA

I

De EVARISTO DE MORAES FILHO

S EMPRE existiram as filosofias anti-intellectualistas, desde a antiguidade clássica, através de todas as idades. O pensamento de um Plotino, por exemplo, é classificado dentro da categoria maior do intuicionismo, com fortes manifestações em Santo Agostinho e em outras concepções do mundo medieval. Mas a verdade é que depois de Descartes, no limiar da Idade Moderna, colocou-se a razão como centro da própria filosofia, que passava a ser manifestação mais elevada e total da criatura racional que é o homem.

Pode ter havido exageros racionalistas em mais de um pensador moderno, que, à maneira de Spinoza, procurassem reduzir toda manifestação humana ao *mores geométrico*. Pouco importa, já que a filosofia não pode ser outra coisa além de uma concepção racional da totalidade do real. Diferentemente da religião, da arte e das ciências empíricas, a filosofia abrange a realidade, tudo que existe, de um modo total, sistemático, coerente, procurando dar-lhe explicação e unidade, segundo os ensinamentos da razão. Quem filosofa, escreveu August Messer, qualquer que seja a atitude positiva que adote diante das confissões religiosas ou da religião em geral, se mantenha como filósofo desde que dê conta de sua posição a si mesmo e aos demais, e a adote com plena honestidade intelectual, sem *sacrifício dell'intelletto*. O que preferir ser crente a ser filósofo, naturalmente é livre de sé-lo. E é claro que pode ser também ambas as coisas.

Mas o que a filosofia procura, em confronto com as demais concepções do mundo e da vida, é ganhar a sua independência estrutural e teórica, além, muito além de simples experiências concretas e isoladas, de vivências mais ou menos místicas e imponderáveis. O que não puder ser compreendido racionalmente não é filosofia, embora possa ser até mais elevado, como a religião, a arte, e assim por diante. Pode também colaborar para a solução do enigma do universo, dando talvez maior tranquilidade ao ser humano, mas não é filosofia.

Esta se reveste da mesma seriedade objetiva da ciência. Almeja atingir idêntica altitude de validade universal, sendo válidos os seus postulados em qualquer tempo e em qualquer lugar, livres da contingência e do concretismo de quem a formulou. Dá à própria ciência as suas bases lógicas de conhecimento, os fundamentos últimos e os primeiros princípios da razão humana, que ficam além de sua tarefa. A filosofia é, assim, uma reflexão crítica do homem sobre o seu próprio espírito, como quem passa em revista as suas disponibilidades antes de se pôr em campo.

Pois bem, quem admita esta concepção da filosofia há de se achar estranho diante das contemporâneas escolas neo-românticas, prelogistas e irracionaisistas da filosofia atual

Declararam os seus adeptos que não estão filiados a correntes confessionais ou religiosas, mas que permanecem em funda oposição com a filosofia positiva (não confundir com positivista), particularmente com a científica.

Aldous Huxley, em discurso que fizera no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, em Paris, com o título *Contra o anti-intellectualismo*, pretende resumi-lo em três principais escolas de nossos dias: o bergsonismo, o freudismo e o behaviorismo. Não há dúvida que estes três sistemas são, de fato, as manifestações mais extremadas da concepção prelogista do mundo e da vida, mas nem toda a filosofia irracionalista aí se contém. Muitas outras manifestações ficaram de fora, embora sejam com elas aparentadas, mas que merecem uma classificação à parte.

Desde a publicação do seu primeiro livro em 1889 até a sua morte em 1941, encheu Bergson meio século de atividade filosófica. Já são conhecidos os êxitos de suas conferências na Sorbonne, sempre com salas cheias, principalmente de senhoras de todas as idades, que ficavam embevecidas com a sua linguagem elegante, com o seu estilo colorido e vivo, com ricas imagens comparativas e metafóricas sugestivas. Se nisso residiu o motivo principal de seu êxito, aí também se encontra o ponto fraco de sua filosofia. Levado pelas comparações literárias e pelo livre jogo das palavras, exagerava Bergson as dicotomias existentes entre a ciência e a vida, a razão e a intuição, e assim por diante.

Vejamos alguns exemplos. Para ele não consegue a ciência ir além da superfície das coisas e da alma humana. Por esse caminho nunca poderá o homem conhecer-se a si mesmo, como pregava Sócrates. O intelecto só representa claramente o descontínuo, a imobilidade, fazendo desaparecer do movimento a própria mobilidade, proporcionando-nos um conjunto de imobilidades justapostas (*L'Évolution créatrice* — Paris — 1908 — pags. 169 e 190).

A "inteligência e o instinto estão voltados para dois sentidos opostos, aquela para a matéria inerte; este para a vida... da vida ela não traz, e não pretende aliás trazer-nos, senão uma tradução em termos de inércia" (pags. 191 e 192).

O pensamento é pobre em face da vida, é incapaz de compreendê-la. Somente a intuição, que não é superficial, nem inerte, é que nos dá a apreensão direta das coisas, em sua integridade total, "porque é no próprio interior da vida que nos conduz a intuição...".

Em verdade, no sistema bergsoniano, a intuição se desprende inteiramente de qualquer resquício racional para revestir-se das características de uma espécie de compreensão artístico-mística do absoluto, que servirá de base à metafísica, aproximando-a mais da vida. Bergson repele o conhecimento científico-con-

(CONCLUI NA PÁG. 106)

ceitual da vida, que só percebe o objeto pela superfície, por sua exterioridade, deixando escapar o essencial pelas malhas da rêde. A realidade está em constante movimento, num dinamismo que não pára, e somente a intuição é capaz de apreendê-la diretamente, sem aquêles inconvenientes.

A intuição — diz Bergson — nos dá a verdadeira concepção do tempo, não aquêle tempo vazio, homogêneo, especificado da ciência, mas a duração real, concreta, heterogênea, a própria essência do eu — a *duração real* (*Essai sur les durées immediates de*

la conscience — Paris — ed. de 1932 — pág. 95).

E' esta mesma intuição que nos permite contemplar a essência do universo. Este vive e cresce em uma evolução criadora, impulsionado sempre pelo *élan vital* que, à maneira da Vontade de Schopenhauer, lhe é inerente e imanente. A fonte infinita dêste élan é Deus. Apesar das inúmeras tentativas de interpretação do pensamento religioso de Bergson, é inegável que êle admite uma concepção mística de Deus, residindo neste passo a maior manifestação do seu misticismo filosófico.

(*Continua*)

A Filosofia Antiintelectualista Contemporânea

De EVARISTO DE MORAES FILHO

II

O FREUDISMO ou a psicanálise surgiu, a princípio, como um rompimento frontal com as idéias aceitas até então a respeito da personalidade e da conduta humana. Era preciso inverter-se a colocação do problema sobre os motivos e os móveis do comportamento do homem em sociedade. O que menos passou a interessar foi a vontade, a inteligência, a escolha consciente dos caminhos a seguir. Todas as forças racionais passaram a um plano secundário, assumindo a direção da psique humana tudo aquilo que não se vê, nem se sente diretamente, mas que repousa — segundo a doutrina — no âmago do indivíduo, profundamente, em estado primitivo, sustentando as demais camadas da sua personalidade. É um gigante cego, às vezes indomável, que os homens pensam ou desejam conduzir com os fraquíssimos poderes da sua vontade consciente. Mas é esta quem está em contato direto e permanente com o mundo objetivo e social, vivendo também entre outras vontades, mais ou menos disciplinadas e que sabem que há normas éticas controlando a vida em comum.

O verdadeiro Eu é primitivo, inconsciente, congênito, constituído apenas de impulsos brutais, girando sempre em torno dos princípios mais gerais, que lhe traçam o ritmo de movimento: princípio de repetição e princípio de prazer. O impulsos primordiais, mais recuados e constantes verdadeira mola da vida psicológica, são os impulsos de vida e os impulsos de morte, que podem ser resumidos na libido, conceito-chave de toda a doutrina. A libido, escreve Freud, designa a força pela qual se manifesta o instinto sexual, como a fome designa a força pela qual se manifesta a absorção de alimentos. Em qualquer relação afetiva (simpatia, amizade, confiança) a libido está sempre presente, através da imagem, que é a representação simbólica de uma afeição sexual ou da sexualidade recalcada.

Surgida a princípio como um processo prático para curar um certo número de doenças nervosas através da exploração do inconsciente, transformou-se a psicanálise numa verdadeira filosofia da vida, desde a teoria do conhecimento até a constituição de uma sociologia, passando pelos problemas da arte, da etnologia e da religião. Mas, para toda parte para onde se dirigisse, carregava a psicanálise com ela as suas noções primordiais de instinto, inconsciente, libido, imagem, Id, e assim por diante.

Assim é que, na sua obra *Psicologia coletiva e análise do eu*, estende Freud ainda mais o seu conceito inicial de libido, nestas palavras: "Designamos assim a energia dos instintos, considerada como uma grandeza quantitativa (se bem

que escape ainda à medida), em suas relações com o que designamos pela palavra amor. Não é necessário dizer que o núcleo do que chamamos amor é constituído pelo amor no sentido corrente da palavra, por isso que cantam os poetas: o amor sexual tendo por objetivo a união sexual. Mas não separamos desta noção certos sentimentos que merecem igualmente o nome de amor: amor de si-mesmo, de um lado, amor pelos pais e os filhos, amizade, amor da humanidade em geral, a afeição a objetos concretos e às idéias abstratas, de outro lado."

Vê-se como cresceu o conceito da libido, chegando a abranger toda a vida afetiva do ser humano, em qualquer de suas manifestação, desde as mais baixas e vis até as mais elevadas e puras. Mas, o que Freud sempre procurou provar é a irracionalidade da conduta humana, mostrando as origens "profundas" e ignoradas dos seus atos, das suas escolhas, das suas crenças, quer científicas, quer religiosas.

Tudo descansaria no inconsciente, espécie de depósito imenso, de fundo de mar, no qual se encontrariam monstros e anjos, demônios e deuses, desejos bons e maus, ansios recalçados, num bric-à-brac de arrumação difícil, dependendo o destino de cada um no maior ou menor sucesso dessa arrumação. Obtido um modus vivendi, uma espécie de pacto de não-agressão com este gigante adormecido, tudo vai bem, mas aí de nós se o vulcão vem a furo! Aí então desfaz-se o equilíbrio e surgem a neurose, a desadaptação com o meio, os conflitos se tornam patentes e desagrega-se a personalidade inteira.

Tão amplo para Freud é o conceito de inconsciente, que compreende todos os estados psíquicos que não são atualmente conhecidos pela consciência de cada um. Incluem-se aí todos os instintos, os hábitos, as tendências, as inclinações, as lembranças, e assim por diante. Ou nas palavras do médico de Viena: "Para bem compreender-se a vida psíquica, deve-se conceder menos importância à consciência. É necessário, como o disse Lipps, ver no inconsciente o fundo de toda a vida psíquica. O inconsciente é semelhante a um grande círculo que encerraria o consciente, como um círculo menor. Não pode, realmente, existir consciente sem preparação inconsciente, ao passo que o inconsciente pode dispensar o estado consciente e possuir no entanto um valor psíquico. O inconsciente é o próprio psíquico e sua realidade essencial".

Claro está que ninguém nega, hoje em dia, a importância desempenhada pelo inconsciente na vida psicológica. Igual papel é atribuído aos instintos e às demais forças recônditas da personalidade, mas não vai daí que se deva renunciar

A *begama*

o homem e o mundo

A FILOSOFIA ANTIINTELECTUALISTA CONTEMPORÂNEA

De EVARISTO DE MORAES F.

III

A terceira grande corrente pre-logista da filosofia de hoje é o behaviorismo norte-americano. Prende-se a sua maior sistematização aos primeiros trabalhos de John Watson, na segunda década deste século. Nada mais fez ele do que extremar o próprio sentido do pensamento americano, já manifestado no pragmatismo de William James, tendendo para os aspectos empíricos e ativos da vida. Salvo uma ou outra exceção, nunca foi o forte da filosofia americana a tendência para a especulação pura, desinteressada, fechada em si mesmo, sem maiores preocupações pelos efeitos práticos da conduta humana.

É este exatamente o objetivo exclusivo da concepção behaviorista do mundo (como o indica o próprio nome): ocupa-se com os aspectos externos da conduta. Retomando o fio da psicologia objetiva de Bechterew, de cunho fisiologista, voltou-se Watson para as relações constantes que existem entre o estímulo e a resposta, formando um verdadeiro arco fechado. Aproveitou-se dos trabalhos de Pawlow sobre os reflexos condicionados, levados a efeitos, principalmente, em cães. Reunindo as duas tentativas anteriores, aplicou Watson à espécie humana os seus resultados, criando a sua doutrina, conhecida por behaviorismo ou, segundo nova expressão latina, condutismo.

Desde os seus primeiros escritos, declarou Watson que ia ocupar-se somente com a conduta, através dos estímulos externos, abandonando completamente o "problema metafísico da consciência, assim como seu conteúdo mental". Isto é, como a moderna psicologia passou a ser conhecida como psicologia sem alma, por isso que eliminou o antigo problema da psicologia racional de Wolff sobre a essência da alma imaterial e fluidica, assim também o fez Watson em relação à própria consciência, sendo a sua teoria a de uma psicologia sem consciência. O homem passou a ser estudado de fora, através das suas ações, daquilo que o observador pode constatar e concluir objetivamente, passando a consciência a ser um fenômeno completamente fortuito.

Nisso muito se aproxima o behaviorismo da psicanálise, na subestimação do aspecto consciencioso da criatura humana, chegando mesmo a ser mais radical do que ela. Para Freud, embora diminuída em sua importância no trabalho psicológico, não chega nunca a ser eliminada de todo a consciência. Tênué, fraca, superficial em relação ao imenso mundo do inconsciente, mas não deixa de existir e de operar. No behaviorismo, não chega a consciência a ser levada em conta. A sua técnica de pesquisa e de análise a suprime ou, pelo menos, a dispensa. Diz Watson que a psicologia de Wundt foi necessariamente um compromisso. Substituiu o termo alma pela palavra consciência, que, segundo o autor alemão, não é tão

inobservável como o primeiro, podendo ser surpreendida através da introspecção.

Contra isso é que se levanta o behaviorismo. A consciência — escreve Watson — é um baú, dentro do qual cada autor coloca aquilo que bem entende (sensações, imagens, sentimentos, vontade, etc.), de modo que, por análise, somente se vai encontrar aquilo que, previamente, foi ali colocado. Resultado: teremos tantas psicologias introspeccionistas quantos forem os psicólogos. Ai, então, é que surgem os behavioristas, vendo o homem de fora, através de sua conduta. A pergunta do behaviorista é sempre esta: posso eu descrever determinada manifestação de conduta, que vejo, em termos de "estímulo e resposta"? Por estímulo entende-se qualquer objeto no meio geral ou qualquer alteração nos próprios tecidos devida à condição fisiológica do animal, como, por exemplo, a alteração que se consegue quando se impede o animal de atividade sexual, de obter alimento, de construir um ninho. Por resposta entende-se qualquer coisa que o animal faça, virando para ou contra a luz, pulando ao ouvir um ruído, e, em atividades mais altamente organizadas, construindo um arranha-céu, desenhando plantas, escrevendo livros, e assim por diante. (Conf. — John B. Watson — *Behaviorism* — New York — 1930 — págs. 3/6.)

Se Watson se aproxima de Freud no menosprezo aos fenômenos da consciência, muito se afasta dele no que diz respeito à vida instintiva do homem. Enquanto o segundo a coloca como a base fundamental da personalidade, Watson a reduz a um mínimo quase imperceptível, a uns simples reflexos inatos, fisiológicos, nada mais. Em suas palavras: "Para nós, então, não há instintos — não precisamos mais deste termo em psicologia. Tudo aquilo que até hoje nos habituamos a chamar de "instinto" nada mais é do que o resultado, em grande parte, de aprendizagem — pertence à conduta adquirida do homem".

Pouco adiante, diz Watson que todo o conceito tradicional de instinto é acadêmico e sem significação alguma, porque desde a mais tenra idade, encontram-se fatores habituais e adquiridos na criança em muitos atos de tal maneira simples, que são chamados de reflexos fisiológicos. Tudo está em distinguir entre respostas adquiridas e inatas: "O behaviorista descobriu por seu estudo que a maior parte das coisas que vemos o adulto fazer são adquiridas. Costumamos pensar que muitas delas são instintivas, isto é, inatas. Mas estamos agora quase preparados para abandonar a palavra "instinto". (Págs. 17, 94 e 136).

Em resumo, para Watson somente podem ser consideradas como atividades inatas no homem as funções fisiológicas, como comer, respirar, orientar-se para um foco de luz, sobressaltar-se ao ouvir um som muito forte, sentir o coração bater, etc. E, em cada hora de vida do novo ser,

(CONCLUI NA PÁG. 51)

essas pequeninas coisas vão-se tornando cada vez mais mesquinhas em face do enorme caudal de atividade adquirida que se vai acumulando sobre elas.

Convenhamos que é simplismo demais limitar toda a vida psíquica humana só aos atos e atitudes objetivas. E onde ficam todo o psiquismo superior, a percepção, o juízo, o raciocínio, a vida intelectual, em suma? E o inconsciente e as atividades afetivas? Pode-se endereçar contra Watson a mesma crítica que se tem feito a Piéron. Pegue-se, por exemplo, a *Psicologia experimental* deste último. A parte de suas experiências relativas à inteligência é mínima, irrisória mesmo, em comparação com o imenso acervo de pesquisas em torno de sensações e dados sensoriais. Será que a inteligência é tão pouco assim? Não, a psicologia experimental behaviorista é que abrange uma parte muito pequena da vida espiritual. De resto, uma única atitude significa várias intenções diferentes. Não se pode concluir do substratum psíquico, do móvel subjetivo, pela sua simples manifestação externa. Ao lado da experiência objetiva, quantitativa, capaz de ser reduzida a número — que é o que interessa à psicologia do comportamento — há ainda a vivência, de natureza subjetiva e incapaz de controle instrumental ou de reduções estatísticas. As explicações da psicologia objetivista só servem para os atos reflexos, reacionais, de psiquismo inferior. Desde que intervenha qualquer parcela de vida psíquica superior, elas se tornam insuficientes. E daí em diante são necessários outros métodos mais profundos e complexos.

Depois da escola de Würzburgo e do movimento da Gestalt, já não cabe mais dúvida a respeito da vida conceitual independente. O pensamento é capaz de existência sem imagem de qualquer espécie, até mesmo verbal. Embora com a prudência aconselhável a tais expedientes, ficou sobejamente provado pelas experiências de Marbe e Bühler que a introspecção provocada é um método de conhecimento tão legítimo como outro qualquer. Essas experiências foram feitas na primeira década deste século. Caíram em descrédito logo depois, pelo tremendo predomínio da psicologia do comportamento em qualquer de suas escolas: objetiva, behaviorista ou do comportamento, propriamente dita. Já agora começa-se de modo a dar importância aos métodos usados pelos psicólogos de Würzburgo, principalmente depois da aceitação quase unânime da Gestalt.

De qualquer modo, uma coisa é certa: os métodos objetivos, mecanicistas, são insuficientes. O homem não é um simples aglomerado de reflexos condicionados e de movimentos de língua, como pregava Watson. Entre o estímulo e a resposta, coloca-se o próprio organismo humano, com a sua vida psíquica anterior, que pode acarretar modificações na circuito previsto. Entre E (estímulo) e R (resposta), coloca-se O (organismo).

Já em 1889, na sua tese de doutoramento em filosofia na Sorbonne sobre *L'Automatisme psychologique*, escrevia Pierre Janet (pág. 481): "Uma teoria da inteligência pura, independente do organismo e do movimento, não é mais possível hoje em dia, e também uma teoria do organismo puramente mecânica sem intervenção da consciência será igualmente insustentável". Apesar de tudo, é deplorável que se chegue a confundir — como o faz a maioria dos adeptos do behaviorismo — a psicologia do homem com a fisiologia do cachorro...